

CORPUS ELECTRÓNICO DO CELGA
– PORTUGUÊS DO PERÍODO CLÁSSICO –
(CEC-PPC)

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

O ESCRITÓRIO AVARENTO

CENTRO DE ESTUDOS DE LINGUÍSTICA GERAL E APLICADA (CELGA)

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

2007

NOTAS PRÉVIAS

- Para fins científicos (estudo da linguagem e estilo de D. Francisco Manuel de Melo), apresenta-se o texto de *O Escritório avarento*, registado em suporte electrónico, segundo a edição crítica preparada por Maria Judite Fernandes de Miranda, publicada em Coimbra, 1968, conjuntamente com a edição crítica de outro apólogo dialogal do mesmo Autor, *Os Relógios falantes*, preparada pela mesma Editora (em separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, vols. XX-XXI). Acompanham os textos, além de notas de aparato crítico, glossário, notas interpretativas, apêndices e bibliografia.
- Base da edição de Maria Judite Fernandes de Miranda: Ms. 8577 da Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Sobre as normas que seguiu, escreveu Maria Judite Fernandes de Miranda: «Na transcrição do manuscrito que me serviu de base (...), além de introduzir a pontuação e a acentuação necessárias e de regularizar, segundo as normas modernas, o uso de maiúsculas e minúsculas, modernizei a grafia, sem contudo alterar as formas gráficas que correspondam a formas fónicas diferentes. Conservei portanto, evidentemente, *chancerel* por *chanceler*, *pausagem* por *paisagem*, etc., etc., mas por outro lado regularizei o emprego caótico dos sinais gráficos das sibilantes (substituindo *cazo* por *caso*, *matris* por *matriz*, *paçar* por *passar* (...)), e da letra *h* (substituindo *he*, *hũa* (...) por *é*, *ũa* (...)), simplificando as geminadas, separando por hífen os pronomes enclíticos das formas verbais a que se apoiam (...)» (cit. de pp. 25-26 da separata). Deve ser notado, no entanto, que, em vários lugares, na edição de Maria Judite Fernandes de Miranda, se encontram formas modernizadas graficamente, a que podem corresponder formas fónicas diversas. Foram referenciadas por Pedro Serra, em notas de rodapé da sua edição de *O Escritório avarento*, incluída em *Apólogos dialogais*, vol. II, Braga-Coimbra, Angelus Novus, 1999, pp. 1-37, e ob. cit, p. XLVI.
- A apresentação do texto é acompanhada de numeração inscrita entre parênteses rectos, que toma como referência a paginação da edição de *O Escritório avarento* na separata acima mencionada. O número de página é antecedido da sigla do título, EA.
- O texto foi registado em suporte electrónico por Daniel Neto Rocha.

[EA69] O ESCRITÓRIO AVARENTO

APÓLOGO DIALOGAL SEGUNDO

Fazem a interlocução
um Português fino, um Dobrão Castelhana,
um Cruzado moderno e um Vintém Navarro.

A Nuno da Cunha de Eça,
Cónego Magistral da Sé de
Lisboa.

Por Dom FRANCISCO MANUEL DE MELO

QUARE?

[EA70] PRÓLOGO

Porque nada lhe faltasse ao dinheiro, já lhe não faltava mais que falar. Antes, se contentou com a voz dos efeitos; mas agora despreza os efeitos sem as palavras ou os troca por elas. Deus nos valha, senhor, contra tal inimigo! Pois se, quando mudo, leva a melhor de todos, eloquente que será de nós? Contudo, se mais atento considerarmos quando foi calado, acharemos que nunca. Porque, quem se viu jamais tão eloquente? Que Demóstenes persuadiu tão bem como ele? Que Quintiliano orou tão suave? Digamos, logo, que não é de agora falar o dinheiro nem de agora o ser ouvido, mas que o confessamos nós ainda agora.

Esta consideração que (apesar dos estóicos) não sei se como lástima ou inveja ocupou muitos tempos meu juízo, quase violento me arrebatou não só a conhecer mas a ponderar as verdades ou mentiras que em si esconde, os danos ou cómodos desta abusão que anda entre os homens, a que chamam riqueza. E, porque o preço de tão grande matéria (pois é de cousa que mais preço tem no mundo) requeria um estilo excelente, da minha pena já muito alheo, — e muito mais quando vos escrevo visto que a amizade aborrece o artifício —, foi necessário, pois era forçoso trasladar neste papel aquelas ideas que me oprimiam, que, em seu lugar, usasse deste nosso modo familiar, amigo e inteligível, para que, por meio da clareza e confiança, possam ficar seus descuidos desculpados.

Porque, da mesma sorte que quem apresenta ãa rica joia não curará muito de que a caixa seja ou não de alto preço e, ao contrário, quem de algum baixo material faz seu presente se desvela pelo asseio e majestade da vasilha — nem mais nem menos, estas minhas observações têm a ousadia de se mostrarem [EA71] diante de vós envoltas em comum eloquência; e certificando-se pelo que são, não pelo que parecem, lhes façais bom agasalho. Nunca a fermosura é mais lustrosa que ao tempo que sem adorno se nos oferece. O maior valor despe as armas na batalha e, por isso, a minha idea, indo desornada, entende que vai composta. Além de que, os esmaltes da erudição que lhe faltam, vós lhos sabereis dar nas emendas que lhes fizerdes, deixando assim rica a obra, seu protector afamado, seu autor agradecido.

O engenho humano, como os próprios humanos, necessita de alguma variedade para que produza obras convenientes. Eu, que há muitos anos tenho o bufete por barco e a pena por remo, confesso-vos que, às vezes, de afligido e desesperado largo a rédea do pensamento ao pescoço da fúria que arrastando me leva por donde quer — mas, quanto menos forçada, por menos perigosos desvios.

Achava-me a este tempo escrevendo, em benefício da pátria, ãa matéria grave e, por isso, malencólica. Quis minha sorte que estes próprios dias me faltassem alguns documentos competentes ao sujeito da obra e, porque enquanto trabalhavam outros para ajuntá-los eu ficava ocioso (que é para mim um género de descanso muito mais sensível que o mesmo trabalho a que serve de alívio), busquei modo para, no entretanto, desafogar o engenho ou diverti-lo em mais aprazível ocupação. Porque, haveis de saber, amigo, que nosso entendimento é como a teta da mulher que cria, a qual, se amiudo a não despeja de aquele humor que está produzindo, em vez de se poupar se corrompe.

Por esta causa em meio de enfadamentos tais e tantos como padeço, vereis que me entrego a obras semelhantes, cuja diferença e desigualdade das ordinárias são os maiores incentivos para elegê-las.

Ainda que este não julgo por mim, tão pouco a estimo por tão boa que vos peça a vejais com toda a atenção que os maiores estudos vos merecem, porém, que sequer ouçais esta nova porfia como ouvis quiçá outras que vos [EA72] serão mais molestas — o que esta vos não será nunca porque se acaba (fazei conta) ãa hora antes que vos falte o gosto de a prosseguirdes. Deus vos guarde.

Baía, em 13 de Novembro de 1655.

D. A.

D. F. M.

INTERLOCUTORES

Português

Cruzado

Dobrão

Vintém

P. — Já vos disse, senhores meus, como era Português, nado e criado na Casa da Moeda de Lisboa, haverá hoje isto... sim, haverá melhor de cento e cinquenta anos! Contudo, meus avoengos lá vieram de África mas eu, pela graça de Deus, de ser velho me consolo com ser cristão-velho, sem raça de judeu ou mouro, como o jura pela sua mesma cruz este hábito de Cristo que trago nos peitos e que El Rei me mandou lançar no berço, tanto pela antiga nobreza de meus passados (porque não há vea de sangue mais real que a vea do ouro) quanto pelos serviços que de mim esperava Sua Alteza, sendo certo que não têm os príncipes, para todo o sucesso da guerra e paz, criado de melhor lei que o dinheiro desta nossa geração.

Reinava por aquele tempo em Castela D. Fernando o V a quem, não sem injúria dos outros reis católicos, parece que deram em chamar Católico; o qual, vendo-se abundante de ouro, que o parvo do Colon à força lhe meteu em casa, mandou bater certa moeda de vinte e cinco reales de peso, à qual chamou *castelhanos*. Correu com ela sua fama. E, vindo às orelhas do nosso rei D. João o II, que não sofria cócegas na grandeza, disse: — «Ora bem está; se em Castela há castelhanos de tanto preço, eu mandarei fazer em Portugal portugueses que cada um valha por sete castelhanos». Seu [EA74] dito, seu feito. Lavraram-nos do ouro mais fino das minas de S. Jorge, e valemos sete vezes vinte e cinco reales, que isto soma em português miúdo sete mil réis. E logo, sem outro aparato que esta cruz e o dessas quinças que trazemos às costas, ela nos serve de espada e elas de escudo com que confiadamente atravessamos o universo, benquistos, bem hospedados e melhor guardados das gentes (ainda mal porque tanto!), o que eu sempre experimentei até que, por avessos casos, vim a poder deste maldito rico avarento donde, como vós outros, há tantos anos que al não faço senão gemer e chorar minha triste sorte, pois ao tempo que mil moedinhas falsas, de por aí além, ocupam as mãos dos príncipes e os olhos do povo, eu, pobre de mim, sendo ouro fino de vinte e quatro quilates, me vejo preso, inútil e esquecido, sem ser visto dos homens que a necessidade me deu para

criados ou dos grandes, que a cobiça me destinou para amigos; nem, enfim, a face do sol que me engendrou poder de mim ser vista, passando miserável vida ferrolhado nas malditas masmorras destas gavetas que, vivo, me servem de sepultura.

Mas vós, que de lá me falais tão sentido, parece que em língua estranha, segundo cá duvidosamente vos percebo, dissei-me ora quem sois e porque esquerdos fados viestes a ser nesta escravidão meu companheiro.

D. — Largo é o período dos meus trabalhos, amigo Português; porque sem falta fomos vindos ao mundo para instrumento deles, à maneira de martelo na bigorna, que ele não dá maiores golpes dos que recebe. É verdade que por nós padecem os homens grandes danos; mas os que nós padecemos por eles não são pequenos. Finalmente, eu, senhor Português, sou o Dobrão Castelhana tão conhecido e nomeado de todas as nações entre quem vivo como natural de todas, donde procede meu enleio, sem que ao certo possa afirmar qual é minha nação própria. Sobre que os sinais que acho em mim me persuadem haver nascido em Castela, não poderei afirmar-vos se em Sevilha ou se em Segóvia, que anos e desgostos cansam não só a memória mas o juízo da gente.

[EA75] P. — Assim é. Porém, agora, que melhor vos esforçastes para ser melhor ouvido, entendo que se vos não trocam na boca as linguagens, que é, falando em bom português, parvoíce a quem o finge e desgraça a quem o padece.

D. — Eu procurarei alentar-me, enquanto dura a ocasião de que nos aliviemos. Mas, segundo creio, muita outra gente se entremete na conversação.

P. — Si, será, porque é sem número o número dos mofinos.

D. — Não estão longe, a meu ver.

C. — Perto e mui perto estamos, senhor Português.

P. — Quem me nomea aqui pelo meu nome, que é nova obrigação de lhe valer, segundo o Livro do Duelo?

C. — Um pobre cavaleiro africano do próprio hábito que vossa mercê.

P. — Português de nação?

C. — Si, senhor, e nobre assaz, posto que de linhagem moderna; mas em lustre e pessoa não devemos nada a ninguém.

P. — Quanto por esse sinal, nunca tu és grande fidalgo. O vosso nome?

C. — O Cruzado me chamam.

P. — Homem sois que nunca vi em meu tempo, bem que já ouvi nomear-vos. Mas, seja como for, o nome e a fortuna sobre o trajo, sobejam para nos fazer parentes, porque a semelhança dos sucessos e dos humores é pai e mãe das simpatias.

C. — Em mim o experimento, sentindo ãa interior sanguinidade com toda a desgraça; e não é a menor das que padeço padecer as alheas como as próprias.

P. — Guardai-vos disso, que por outro tal disse já outro: ninguém se faça mel que o lamberão as moscas. Quem muito há mister para si as lástimas, [EA76] não as desperdice com quem lhas não pede que, por isso, eu já ouvi dizia um sabedor: homem que hás-de chorar muito, chora pouco. Além de que o tempo, amor e dinheiro não se podem gastar salvo com quem muito o merece.

C. — Cedo começais a doutrinar-me, para que sinta mais quão tarde fui vosso discípulo.

P. — A doutrina dos dias é vagarosa mas firme. A muitos chega primeiro o aviso que a experiência. Mas eu nunca me fei de juízos maduros por arte, porque são como ameixas mòzinhas que, a poder de vinagre, vêm à fouce antes do tempo, perdendo o gosto, fermosura e saúde, de contado. Não sereis vós destes, porque também há talentos tão férteis como parreiras de S. Tomé que dão fruta duas vezes no ano.

C. — Advertência e lisonjas cabem peor num saco que honra e proveito. Mudai estilo ou mudarei lugar.

P. — Seja, embora, a troco de que me digais quem é esse que lá se sorri ou rosna quando eu falo.

C. — Tenho aqui um velho meu criado que me criou, homem de aquele bom tempo em que a pobreza não impedia o bom contentamento.

P. — Como é a sua graça?

V. — Se por sua desgraça perguntáreis, devagar vos pudera satisfazer. Mas, por sua graça, logo! O meu nome, com perdão, é Vintém Navarro.

P. — Melhor nome tendes para doutor que para moeda...

V. — Vedes isso? Pois dizia-me minha mãe, Deus lhe perdoe, que me chamavam assim Vintém porque havia de valer por vinte; como quem diz: vinte tem.

P. — Fadas de mãe são como tesouro de moura encantada: ao primeiro és não és, eis carvão tudo.

V. — Menos sou eu que carvão porque todo sou cinza, muito, muito velho.

P. — Não o pareceis na fala que é sutil e tem um retintim bem engraçado.

[EA77] V. — Nunca espereis alcançar o verdadeiro conhecimento das cousas por aqueles que podem fingir-se.

P. — Logo, ninguém será conhecido, pois todos vivemos simulados.

V. — Sim, pode ser, porque as obras são contrastes das intenções e pedra de tocar os ânimos.

P. — Dai-as, dai-as a Deus, que ainda das obras me não fio, porque há mais obras falsas que verdadeiras, hoje, no mundo; bem que já sei que muita desconfiança é manha ruim e de vilão ruim.

V. — As más dos nobres lhas fizeram tão más a eles.

C. — Para que é mais porfias? Cal-te, amigo Navarro, que o pouco dinheiro sempre foi mal ouvido.

V. — Par Deus, dir-vos-ei: muito e pouco tudo é um, e nenhum era bem que fosse escutado, porque suas vozes são mais atreçoadas que os ais dos lagartos do Nilo. Dizem que lá Alexandre injuriava um dia fortemente certo pirata que, com os remos de duas pobres barcas, lhe açoutava o reino nas costas macedónicas. Ao que lhe respondeu o velhaco bem sem fastio: «Tá, tá, Senhor Alexandre, não me maltrates, que tu e eu ambos temos um próprio officio, mas com tal diferença: que a ti, porque roubas o mundo cercado de exércitos, te saúdam as gentes por monarca, e a mim, porque com poucos companheiros faço pequenos danos, me infamam de cossário». Eis aqui como os homens fazem suas medidas.

P. — Por certo, se a discrição dá valor, bem podeis dizer quanto quizerdes.

V. — Mais certo é que valia faz discretos, cousa com que eu estou a fogo e sangue. Passe que a fortuna faça aos homens maiores do que são subindo-os sobre as peanhas dos altos postos que lhes mete debaixo dos pés; mas que a este passo queira também estirar-lhes o entendimento, isso — má hora! — é muito.

P. — Antes então confessa ela que os grandes devem ser entendidos; pois, não lhe achando verdadeiro juízo, lho dá fingido, pelo menos, advertindo-nos [EA78] de que é tão grande falta a falta de entendimento nos maiores, que, logo que os engrandece, lhes deve buscar um talento que calce pela fôrma de sua ventura.

D. — Senhores, tratemos ora de nós e deixemos o mundo, por não incorrer na maldição de uns birbantes que, não se sabendo reger a si mesmos, toda a sua ânsia é governar os monarcas.

V. — Pois ajuntai-lhe que ainda é maior o desamparo dos príncipes que por tal gente se governam.

C. — Não o fez assim aquele Grão Turco — só então grande — quando em nossos tempos mandou espetar o judeu português alvitrista, que lhe propunha se fizesse

pontífice de seus vassallos, dispensando-lhes os impedimentos da natureza a peso de ouro.

V. — Contudo, ùa cousa mal feita fez então esse canaz.

P. — Que tendes que condenar em acção tão justa?

V. — Ora simples. Sabeis qual? Não mandar a pele do justicado chea de palha a mostrar pelo mundo, como quem pede com pele de lobo, para exemplo de reis e medo de bargantes.

D. — Outra vez nos enredamos em políticas escusadas... O mesmo que abominamos, cometemos.

V. — Não te espantes, que o dinheiro é o melhor conselheiro de Estado que têm os reis; porque, como disse não sei quem, a majestade sem a potência é gigante de palha. E daí veio que, denotando os antigos espanhóis o poder dos grandes, lhe sinalaram por insígnias pendão e caldeira. Por onde aqueles sengos de Atenas proibiam com lei áspera que ninguém desse conselho sem dar remédio. Se isto assim é, visto que nós somos o verdadeiro, o geral remédio dos monarcas, nós, só, devemos ser seus conselheiros.

D. — Isso esta bem; mas falemos em nosso caso que é o que nos faz ao caso.

P. — Dizei. Ora vinde já com esses vossos artigos de nova rezão que todo o discurso nos embargam.

[EA79] D. — Digo, pois (como a este senhor Cruzado lhe parece), que estas breves horas em que, por ilusão ou prodígio, gozamos o soberano dom de voz e juízo humano, o empreguemos no que mais importa, tratando do que à nossa liberdade convém, sem devertir-nos a extravagância dos accidentes do mundo que nos não foi encomendado.

P. — Tem rezão o Castelhana.

V. — Também é um dos milagres deste dia que lha ache um Português!

P. — Mal é, e pior fora, se nós lhes pedíramos que no-la achassem; mas bastou que Deus no-la descobrisse.

D. — Por isso se diz lá, na minha terra: «antes embidia que mansilla.»

P. — Olhai, entre os sábios não há nações. Eu não sou natural senão da verdade. Mas vós outros, dou-vos a são, sois terríveis!

D. — A desgraça faz a todos uns e baralha bens e males. Pois aqui estamos todos cativos, não haja mais meu e teu.

C. — Tem justiça. E, para fazer a prática mais agradável e mais segura nossa determinação, bem a propósito será dar cada qual de nós a todos juntos conta de sua vida, porque cada um saiba de quem se fia.

P. — A grande pena me obrigareis, sendo certo que as mágoas n'alma são como as setas no corpo, que fazem maior ferida na saída que quando entram; o que só sente quando forceja por arrancá-la aquele que as padece.

D. — Para isso se fizeram os mofinos; para que até eles próprios tenham mão contra si mesmos.

C. — Parece que está vencido em votos que digamos o que nos lembrar de nossos sucessos.

D. — Quem lhe dará princípio?

C. — O Português, que é mais velho.

P. — Renego da dignidade que nos pertence por via dos anos ou das desgraças.

V. — E tu fazes isso diferente?

C. — Todos esperamos a ouvir-te.

V. — Ouve e cala.

D. — Escuto.

P. — Digo. A cousa mais antiga de que me lembro em minha vida, [EA80] é que, não sei porque rodeos, me achei em poder de um grande, com outros parentes meus de meu tamanho, que o servíamos. Queria-nos ele tanto que, por mais que o seu veador às vezes lhe requeria nos trocasse, porque a família por falta de dinheiro estava perecendo, nunca jamais houve remédio. Pediu-lhe reis um seu filho (que ainda era tempo disso) e bastou alegar-lhe ser cousa de príncipes para que logo nesse momento nos entregasse, a mi e a cinco camaradas, nas mãos do moço que já não via a hora de nosso desbarate. Confesso-vos que folguei de mudar companhia. Era eu também mancebo, parecia-me que toda a mudança era melhora; e foi assim que, apenas aquele senhor se apartou do pai, quando eu me vi com a vida em balança e o corpo nas balanças de um ourives, a quem se demandava o valor de minha pessoa.

V. — Por isso eu digo que, a troco de que um homem de bem se não haja de ver em estado de que outrem lhe ponha o preço, fora eu antes caranguejo mouro que português de ouro.

P. — E mais preço de português que é sobre todos incerto! Saí finalmente avaliado e por mim os outros — qual se todos os homens fossem iguais no valor como o são no parecer! Águas teve com isto o bom do nosso amo de nos trocar em miúdos, a

fim de satisfazer seu par de apetites; e o fizera, sem falta, a não se atravessar o bom zelo de um seu criado que nos trazia à destra — e a ele mais — o qual, jogando lanço de enxadregista (ou de criado, que ainda é mais astuto...) lhe aconselhou que de nós todos fizesse presente à senhora Fulana porque lho merecia ela no amor e na lealdade. Eis-me nas mãos da moça a quem o malvado nos levou com um recado mais longo que os olhos com que ela o esperava. Pouco me detive naquela casa porque nas mais destas lhe rebenta o fel ao ouro antes dos três dias. Muito antes, caminhava eu já para a Rua Nova donde brevemente [EA81] me vi vendido em preço das calças e do pelote do patife. Porque, como o sol traz consigo a sombra, como as sombras os medos, traz o vício às costas o inconveniente, sendo uns erros justiça dos outros e algozes muitas vezes. Digo-vo-lo porque ainda tenho presente o escândalo dos embustes, das trapaças, enfim, das treições que ali ouvi consertar contra o pobre do meu senhor pelo seu criado e pela sua amiga. Vede que bem cumpridas estavam em aquelas duas boas pessoas as obrigações de seus ofícios! Ora o chatim, em me recebendo, sepultou-me em caixa, como eles dizem, — ou em ataúde, que até isso tive de sepultado! — assentando o próprio dia e hora de minha entrada, como a enfermo do hospital, do que logo me temi como de agouro de morte. Lá, achei companheiros de todas as laias e moedas de todas as leis, algũas tão falsas como a própria de meu amo. Nunca padeci maior enfadamento, vos digo, que na enxovia de aquele mesquinho tão prezado de seu officio que, por suspeitar nos gastamos uns com os outros, toda a moeda de ouro empapelava à parte como chapim de Valença; e, gastando muito papel para nos fazer roupa branca, afirmava que em escusar roçaduras ganhava a cinquenta por cento. Vendo-me assim só e desesperado, minha ocupação era um contínuo lamento. Até que Nosso Senhor quis trazer à lógea um pretendente que, à força de rogos e importunações, me comprou e a três ou quatro, para nos mandar de presente a certo ministro de quem dependiam seus negócios. Eram de ouvir as lástimas que o triste nos dizia em nos vendo, e vendo que éramos seu sangue e que era força derramá-lo! Considerava eu, ouvindo-o, a miséria daqueles mofinos a quem nem o próprio inferno deixam a outros que lhes preste. Roubam os mais destes a República tão miseravelmente que, de sua própria perdição (como se fosse mercê de outro tempo), pagam mea anata. Já que a perda há-de ser toda sua, porque o não será o proveito? Por tão penada e tão penosa taça lhes dá o engano a beber seu próprio castigo! Tomou-nos enfim e nos anafou em ùa bolsa cheirosa, com mais cordões verdes e borlas no cabo que chapéu de bispo arménio. [EA82] Subiu-se à sala daquele sátrapa que em pública audiência e em dia claro roubava, fazei conta, como em Val de Cavalinhos.

Chegou-se o pobrete com passos tartamudos e tão desconfiado como se fosse pedir o mesmo que levava, e lhe disse: «Senhor, esta menhã, ao decerdes da mula nas escadas do Paço, caiu a Vossa Mercê esta bolsa, cujo achado estimei mais que um tesouro; não sei o que traz dentro...»

Fez carranca o sobredito; mas, caindo tão depressa na conta como na tentação, deu amor aos dedos e recebeu a oferta com desprezo, por se não empenhar nas demonstrações de obrigado. Senti-lhe eu muita graça à diligência com que se enxeriu no sucesso porque, de repente, olhando para um criado (arlequim de aquele jogo) lhe disse alto, perante todos: «Ora escuso-te as passadas; aqui está o bolsinho que te mandava buscar agora. Ainda há homens de consciência no mundo!» E recolheu-se, não faltando algum dos circunstantes que jurasse como ele entrevira cair a bolsa no chão, indo-lhe a dar o estribo.

Oh, valha-me Deus, quanto se me meteu por dentro aquele modo de capear! Notava muito para comigo a isenção do que recebia, a vileza do que dava, o engano dos confirmadores, o artefício dos criados, a credulidade dos requerentes e, enfim, **enfim**, o desaforo de todos.

V. — De pouco vos espantais para tão antigo.

P. — São malícias à la moda, que se não usaram na minha mocidade.

V. — Sabei que cada dia o mundo amanhece semelhante e que não está nos modos, senão nos tempos, a estranheza. Males houve, males há, males haverá. Mas, como dos passados falamos de ouvidas, dos futuros em receios, damos sòmente fé dos que experimentamos. Donde vem que [EA83] nos parecem maiores os presentes quanto a experiência é mais palpável affecto que a admiração do passado e que a cautela do futuro.

C. — Cal-te, não interrompas!

V. — Oh, deixa-me! Que uma prática sem reparos é como vestido sem guarnição!

P. — Recolheu-me na algibeira (como vos disse) o meu senhor Ministraz, e dos companheiros fez entrega a sua esposa que, em obras pias de mandar encomendas a terras de pagãos, trazia empregado à usura o seu cabedal e os alheos. Eu, por mais presenteiro, fiquei em campo donde servi os meus três anos como fronteiro de África com armas e cavalo à minha custa. Que cousas ali vi tanto para ver! Enfim, eu fui o Cerro de Potosi de aquela casa. Se meu amo jogava, a troco de me não trocar, não pagava jamais o que perdia; se comprava, por se não desfazer daquela peça, nunca retribuíu cousa que se lhe vendesse; se lhe pediam esmola, era eu sempre muito dinheiro

para ser dado de ãa só vez a um homem pobre; se dívida, era pouco e, quando satisfizesse o mais, satisfaria o menos. De tal modo que sempre ficava intacto e, à minha sombra, o mais dinheiro de casa. Ponham-se de parte os Ostendes de Flandes, as Inclusas de Holanda, os Brisaques de Tirol, os Zantes de Veneza que eu fui sempre (em poder deste) o mais firme e seguro baluarte. Mas, porque a fortuna é como furão que, por costume, se encarna nos mais amigos, chegou-lhe à minha fortuna a sua hora ordenando que ãa escrava de casa, espanando-lhe o vestido, me espanasse a mim do bolsinho do meu amo para contribuir com os réditos a um rescão músico que, a poder de xácaras e seguidilhas, a trazia amartelada. Vede ora o jogo da sorte e contemplai por que maneira em mim se fez tal mudança, como descer da algibeira perfumada de um ministro aos asquerosos entreforros de um pagem! A tudo me acomodei discursando que, nestes dados do tempo, não há (por mais que digam os mofinos), maior número de azares que de encontros. E foi assim que os próprios dados aquela vez me fizeram forro ou melhoraram de cativeiro, porque, indo-me o micho a parar à tábola do Terreiro do Paço, por sufrágio [EA84] de um dous e ás, passei, de repente, ao poder de um certo alferes, pessoa abalizada entre os desta arte. Alegrei-me então comigo mesmo entendendo que poderia na guerra luzir muito.

V. — Segundo os amigos que deixastes na Corte...

D. — Pois que proporção tem a corte com a guerra?

P. — Trabalhosa tecla tocastes, mal soante por certo aos ouvidos que amam a harmonia do mérito e galardão.

C. — Essa música onde se canta?

D. — No coro dos bons propósitos.

V. — Deixemo-la para dia de festa.

C. — Será a maior do ano.

P. — Passo avante. O meu alferes era mancebo de brio.

D. — Assim o havia de ser por força, para que se cumpra o provérbio: capitão valente, alferes brioso, sargento solícito.

P. — Que mal se guarda essa lei!

V. — Antes bem; mas guarda-se na gaveta, como dizia o outro. Mais macissos são os dez mandamentos e, quanto mais fracos vemos os homens, os quebram mais fãcilmente.

C. — Marchai já com esse vosso alferes, senhor soldado, e prossegui.

P. — Passava então um terço a Flandes; inxeriu-se meu amo na jornada na qual, em breve, nos vimos às gadelhas com ãa grande frota da Holanda, no Canal de Inglaterra.

V. — Ora, mas que me repreendais e lanceis da conversação com caixas destemperadas, eu não posso perdoar a sandice da gente que, sem quê nem para quê, nem mais tirte nem guarte, que viva o leão de Espanha ou viva o príncipe de Oranja, ela se mate e se consuma a fogo e sangue com terror dos mortos e estrago dos vivos, fazendo crer aos montes da terra e aos golfos do mar que o mundo é destruído. E, o melhor de tudo e em que eu lhe acho muita graça, que nessas mesmas horas em que eles jogam a morte ou a vida, esses mesmos leões e esses próprios tigres, por cujas vidas os outros bestialmente perdem as suas, se estão repousando, de inverno entre aposentos, [EA85] enroupados de ouro e de seda, e de verão passeando-se por jardins cheirosos, sem saberem quem são os mentecatos que se matam porque eles vivam, nem às suas vidas importar que estoutros se matem um só dia de ventagem além dos que lhe estão prometidos. Mal por mal, melhor estou com o costume das saúdes que com o dos vivas, porque é menos sanguinho e mais alegre; cujo sufrágio, já que não aproveita à saúde daquele por quem se oferece, aproveita ao menos ao padar e estômago de seus devotos.

P. — E eu a tudo calado! Pois esperai que me vingue trincando-vos a cada passo vossa arenga.

V. — Antes então eu vo-lo pedirei por favor, como estudante que faz autos roga muito que o desmintam para sair melhor com a sua.

P. — Não havia parado meus trabalhos na peregrinação; foram-se assanhando da própria paciência com que os sofria, como às vezes sucede e logo ouvireis. Eram rijos os combates e os combatentes. Faltou da parte dos nossos valor ou disciplina (e praza a Deus não fosse tudo!). Desceu sobre nós o fogo do céu e sobre a minha embarcação — se acaso não subiu contra ela o do inferno... Ardeu como estopa. E o meu pobre companheiro, depois de fazer sua obrigação, deixou que nele fizesse a desgraça sua vontade. Lançou-se ao mar e afogou-se, que é boa consequência; e eu, a par dele sempre, não rejeitei o salto, qual se conta daquele cão fiel que se arremessou com o senhor na sepultura.

Ora, que seria de mim, vendo-me lá no fundo do mar, estrangeiro entre peixes e areas que me não conheciam? Vi o que nunca pude crer. Vi que havia lugar donde do dinheiro se não fazia caso. Mas não sei que seja outro senão este. Então, tive por certo que ali ficaria soterrado até o fim dos tempos. Porque quem iria cuidar que a cobiça

humana, embarcada no coração do homem, decesse aos abismos das águas, mudando o ser à gente e aos elementos? [EA86] Pois aconteceu que, dali a alguns dias, se buscaram búzios para salvar a artilharia, que é outra boa invenção. Mergulhou um diabo de um italiano e, tanto que se profundou, lá foi dar comigo. Calou-se de repente sobre mi, que não venha cá gavião sobre calhandra, e de tal sorte me filou que, ainda vendo-se afogado por mil vezes, me não quis largar da mão.

V. — Parece que não conheceis italianos. Se lhe foram tão francas as portas do inferno à saída como lhe são à entrada, o mais lerdo, sem receita de Orfeu por Eurídice, fora pescar reales à caldeira de Pero Botelho.

P. — Tornei então a ver o mundo, que não esperava, e espantou-me porque, de aquela novena que fui fazer às profundezas, já quando vim o achei outro.

V. — Por isso disse bem aquele clérigo de Polónia, Copérnico, ou como lhe chamam, que a terra e os homens era o que sempre andava ao redor, não já era o céu, sol nem estrelas.

P. — Prometia eu, entretanto, dentro de mim, fazer uma vida nova, se pudesse; mas promessas de quem não tem liberdade são como os pomos de Sodoma: fruta por fora e cinza por dentro.

D. — Que fez então de vós esse diabo ou esse anjo que vos desencantou?

P. — O primeiro, esconder-me astutamente para me manifestar logo, como o fez, em ãa hosteria donde se não saíu até que por vinho, jogo e tabaco me não deixou concluído. Mas afirmo-vos que nunca, como então, cheguei a palpar os desconcertos do mundo, vendo haver nele gente que tão caro compra o que vende tão barato; e seja a vida amável e seu risco, certo preço da mais vil satisfação do mais indigno apetite. Achava-se à mesa um vagamundo destes que chamam peregrinos, leves de pés e de mãos, o qual, marcando-me com a vista e acenando-me com o alvoroço, apesar das vigias de tantos olhos, me arrebatou sutilmente. Levantou-se primeiro que os manténs, e tomou o caminho. Vinha eu já como insensível, porque a roda da [EA87] minha fortuna me trazia a cabeça à roda. Não direi como foi; mas, fosse como fosse, quando eu dei fé de mim, eis que me acho em meio de um deserto, eu e meu viandante, cercado de bandoleiros, homens de rostos atrozes, de consciências desencadernadas, costumes fora de vila e termo. Lembra-me que, quando abri os olhos, que depressa cerrei, vi já o pobre de meu amo despido por dous de aqueles sumilheres que, pegados dele, lutavam cruelmente sobre quem me havia de levar por força de luta. Outros, de fora, diziam me esquartejassem — que fora neles mais bem empregado!... — Mas tal foi a raiva do

vencido que, vendo-me já inteiro nas mãos de seu contendor, remeteu ao pobre despojado e, dando-lhe de punhaladas, entre mau castelhano e peor catelão, dizia: «Toma, belitraz, porque te não venhas cá, outra vez, donde estão dois homens honrados, com ãa só peça de ouro!» Nunca me senti tão perturbado como então, e já comigo suspirava pelo repouso com que vivia dentro no pego, sem ver nem ser visto. Mil vezes amaldiçoei a cobiça e a ambição, a avareza e o interesse dos viventes; e, sem saber que sorte me cairia em sorte, vi que o bom do meu mau ladrão se abaixava a descoser a sola da alpargata, para me dar mais seguro aposento. Isto feito, caminhou e calcava-me, sem advertir por donde. Ia-me eu lembrando das cousas da vida. Porque, quem me dissera a mim, sendo criado em mimos e regalos de príncipes, guardado como jóia em seus escritórios, perfumado e lustroso como um ouro, que ainda viria tempo em que me visse ser tacão das palmilhas de um esfola-caras? Mas não passaram muitas luas que tudo isto se não mudasse, como que seja certo que do mal ao bem não haja mais jornadas que do bem ao mal.

[EA88] V. — Por isso, eu — má hora! — desespero. Porque há gente no mundo que lhe não quer dar tempo ao tempo, querendo sempre que o tempo lhe dê tempo a ela para tudo. Ei-lo aí: se logo nessa hora vos matásseis à vista de vossas desgraças, morto ficáreis sem sair delas, e sem algũa graça a comédia de vossos acontecimentos.

D. — Certo creio que o mesmo nos sucede a todos.

V. — Logo nos entenderemos.

P. — Fui até à vila nas andas do meu salteador de caminhos.

V. — Dos da vila me guarde a mim Deus que de essoutros com estar quedo me forro.

P. — Vendeu-me por pouco mais de nada a um dizimeiro e acabou-se comigo de cerrar a prova ao ladrão de quem era. Prenderam-no e levaram-no. Vede que cousas estas!

V. — Com o dizimeiro não vos iria mal...

P. — Nem bem; porque é ãa casta de gente como tafuis que compra (como eles pagam!) o sol antes que nasça. Este que me coube servir, do bem e do mal ganhado fazia tesouro a fim do casamento de ãa filha, para quem já não queria senão fidalgo de três solas.

V. — Isto assim se diz em português. Eis aí porque todos esses são ladrões. Como fará cousa boa o homem que começa desprezando-se a si mesmo, sem ser por amor de

Deus, ou querendo-se fazer o que Deus não quis que ele fosse? Então que succede nesta porfia? Succede que ele faz e Deus desfaz e, como está de mais alto, sempre fica de cima.

P. — Em quantas terras tenho corrido, não vi tais cousas como naquela oficina! De todas as línguas havia ali dinheiro ocioso: as pistolas francesas, os jacobos ao revés de Inglaterra, os maticais barberiscos, os zequins de Turquia, os Venezianos de Levante, passeavam pela mão com os nossos S. Tomés e S. Vicentes, como se todos fossem uns. Até os Júlios romanos e todo o livro de Guilherme Chorel vi que andava vivente revolvendo-se por aqueles cofres e contadores. Era um laberinto!

[EA89] V. — E quantos folgariam de entrar nele, mas que perdessem o fio e lhes ficasse a vida noutra!

P. — Choviam cada dia os hóspedes pela greta do caixão. Não vi banho de Argel mais povoado de cativos.

V. — Vem senão quando...

P. — Vem senão quando...

V. — Ora acabai.

P. — Não era eu de quinze dias chegado à casa, quando por contas ruins dos dízimos ou dízimas ou décimas, eis aqui que dão com o meu dizimeiro em outra mais áspera prisão que a em que ele nos tinha; e, bem julgado ou mal julgado, em nove dias nós já éramos todos de el rei daquela terra — bofé que me esquece o nome!

É verdade que, como ouvistes, eu fui criado em paços mas no de el rei não entrara nunca. Antes, pelo que tinha sabido, entendia eu que, a par das riquezas e majestade da casa de el rei, nenhũa conta fariam de mim. Também nesta me achei enganado, porque ali me estimavam todos e me agasalhavam muito mais do que eu esperava e merecia; sobre que me disseram que não era assim antigamente. Digo-vos que nunca cuidei que valia tanto. É boa gente a cortesã, muito dada, arrecadada e muito amiga do dinheiro. O mais inchado, se me tinha junto de si, afigurava-se-me que ainda ficava mais inchado. Tal havia que nunca tirava os olhos de mi e tal que, a meu respeito, os queria tirar aos outros. Confesso-vos que, às vezes, dei em suspeitar mal de aquele agasalho, porque amizades desproporcionadas sempre são mal seguras. Enfim, querendo-me todos levar para casa, lá me acomodaram em a de um tesoureiro de el rei que me fez mil cortesias.

D. — Se eles fossem tão cortesés connosco à saída como à entrada, ninguém se queixaria.

C. — Antes o são mais e com mais causas, porque nunca saímos de mãos desta gente que lhe não tragamos o coração connosco.

V. — Se assim prendessem as vinhas na charneca como o dinheiro pega nos cofres dos depositários, Portugal fora outra Candia, apesar do Grão Turco!

[EA90] P. — Também nas mãos daquele não repousei porque, sucedendo ser tempo de cortes e sabendo-se que a coroa de el rei estava desconcertada...

V. — Oxalá fora só essa!

P. — ...levaram-me logo a casa do ourives que, como quem pede pão, pedia ouro para a remendar.

V. — Pediu bem esse ourives porque esse é só o pano com que as coroas se remendam.

P. — Tocou-me (como digo) a mi a sorte do emprasto. E porque a mais fina desgraça é encontrar com os trabalhos pela mesma rua que outros topam com os descansos, deram em me gabar sobre os mais, a fim de me derreterem e consumirem. Mal estou com estes meus quilates que de nenhũa outra cousa me servem que de trazer-me hipotecado aos perigos.

D. — O mais terrível arteficio que inventou a malícia é ofender com os louvores.

V. — E ainda assim há parvos mortos por louvaminhas...

C. — E por elas.

P. — Não era grande a quebra da coroa, porque lhe acudiram com tempo, e só faltava fortificar por dentro um florão dela. Quis Deus que, sem me fundirem e assim como aqui estou vestido e calçado, entrei em lugar de chapa que falecia; ficou tudo feito.

D. — Bom oficial aquele que sem dano de ãas cousas remedeia as outras.

V. — Esses mestres, em vez de coroas, deviam os príncipes trazer por coroas na cabeça — gente que compõe a falta do rei sem consumir os vassallos! Dizei-me que reino é esse que me quero lá ir viver uns dias.

P. — Muito material estais! Quanto melhor viera dar aqui ãa volta com o discurso às cousas do mundo, vendo que da palmilha do sapato do [EA91] outro vagamundo me vi, em poucos dias, colocado sobre a diadema de um monarca!

V. — Por isso sois ouro, cuja fortuna parece que herdastes do pai que vos engendrou que, cada dia, retoca liberalmente as pomas de ouro da mais alta torre de Marrocos e entra pelas manjadouras dos mais tristes aduares da Aduquela, sempre sol, sempre limpo, sempre fermoso. Assim é a virtude, assim a nobreza que dela procede, cujo símbolo no ouro e seus compostos se verefica, que não nos de «quis vel quid». Por isso, nestas cortes vereis sempre confiado o ouro fino, não já, má hora, os escudeirinhos

de cobre e de latão que, em lhes faltando o lustre, ei-los perdidos e feitos caldeiras velhas. Sendo assi que, com alta providência, criou Deus o ouro na mais baixa parte da terra e na peor porque, como o criara para ser nela o metal mais alto, se não ensoberbecesse, lembrado de seus humildes princípios.

C. — Valha o sermão sem selo *ex causa*; mas vamos ver o fim desta larga perigrinação com quem Fernão Mendes Pinto não tem que fazer e é um tolhido Marco António Véneto.

V. — Sem selo irá o sermão mas não sem Avé Marias, tendo eu rezado já muitas porque ele se acabasse.

P. — Pouco lhe falta.

D. — Dizei tudo.

P. — Teve seu termo a solenidade de aquele dia e, como eu fosse mal cosido e pegado à pressa, senti-me que me deslizava pela coroa abaixo. Valha-me Deus! Quase em ùa hora tão subido e tão caído!

V. — São cousas do Paço.

P. — Estava ali junto um oficial del rei, quando eu caí — homem esperto, destes que lhe não cai nada no chão ou em saco roto. Foi para me levantar.

V. — Se cuidaria que eras falso testemunho?

P. — Não cuidou senão que era Português verdadeiro. Enfim, levantou-me.

[EA92] V. — Grão milagre, porque lá diz que não é costume dar a mão tão depressa aos que vêm caídos.

P. — Soube disto o amo deste e esbulhou-o afirmando que, assim como a fruta que cai das árvores é de quem guarda a quinta, assim os espediços del rei são dos que lhe andam mais perto.

V. — Olhai, bem estou eu com que esses lhes comam às árvores o fruto que lhes cai; mas com que lhes dêm abanos para que caia, com esses não estou eu bem.

C. — Tudo o que há no mar há na terra. Também cá entre nós é como no Val das Éguas: peixe grande papa peixe pequeno.

D. — Então, daí, o que foi feito de vós?

P. — Estive-me ali alguns dias até que, findos os de meu senhor, lhe deram c'os bens na praça.

V. — E com os males se vem à mão, porque a morte faz cobrir os vivos e descobrir os mortos. De aqueles se cobrem os rostos e destes se descobrem os costumes.

Por isso, disse bem aquele filósofo que disse: «pois cada dia podes morrer, vive como se houvesse de morrer cada dia».

D. — Melhor o disseram os santos porque o fizeram, mostrando que não só se deve dizer mas que se pode fazer.

C. — Ora, feito o leilão, que foi de vós?

P. — Andei à vergonha como malfeitor.

V. — Tendes razão; que ver-se ãa pessoa pelos seus mesmos vendida, não sei se tem mais de mágoa se de vergonha ou se de pouca vergonha.

C. — Daí vem, sem falta, que os nossos antigos chamassem afrontar ao arrematar venda na praça.

P. — Finalmente, já não sei o que vos diga. Ali me comprou um clérigo velho a quem os médicos tinham receitado que bebesse água cozida com ouro para lhe alegrar o coração e confortar a natureza. Fez-me dar o primeiro fervedouro e, como por conselho ou antolhos de um amigo (tal como ele) [EA93] se perduadissemos que eu me gastava qualquer cousa, por razão do fogo no cozimento, se resolveu em que queria antes morrer que desfazer o seu dinheiro. E fez depressa sua vontade deixando-me com outra caterva a estoutro velho, seu irmão mais velho e mais avarento ainda que ele, que, sem filho nem herdeiro, de outra cousa lhe não servimos que de apoquentar-lhe os dias da vida com temores e ciúmes de que o vento nos leve de seu poder. E fora ele o ditoso, se só o vento tivera por inimigo; mas a malícia dos criados, a cobiça dos parentes e a astúcia dos vezinhos haverão de ser sem falta a maior tempestade de seu despojo.

D. — Notando esse vício dos velhos, já desejei de saber de algum filósofo a causa de que eles fossem mais avarentos.

V. — Não vos canseis por inquiri-la. É aquela mesma que faz parecer aos homens mais doces as uvas de pendura que as da parreira. Está a vida para se acabar e então dá em sôfrega de si mesma, espertando o apetite de todos aqueles bens que, por força, acabarão com ela.

C. — Grande mal é ser ãa pessoa avara.

V. — É vício oposto a todo o bem fazer; e cousa que encontra todas as boas obras não pode deixar de ser muito perversa.

C. — Eu creio que, assi como do cego, surdo ou mudo, dizem que o sentido que lhes falta se lhe converte logo em outro que proporcionalmente se lhe aumenta (tão grande consciência tem a natureza!) assi aos miseráveis se lhes trocam todos os vícios (se alguns lhe faltam) em aquela própria miséria que padecem.

P. — Ora a tudo isso eu vos juro que tenho agora de ouvir-vos outros dous tantos do que me tendes ouvido, se quiserdes manter jogo.

D. — Isso será impossível, depois de haveres feito vossa relação que, para igualar, qualquer de nós lhe falece arte e tempo.

[EA94] C. — Dirá hoje o nosso amigo Navarro algũa cousa de seus sucessos que devem ser galantes, porque histórias engraçadas nunca sucedem a homens sensabores; e eu e o Dobrão ficaremos para outro dia.

P. — Nem para replicar-vos estou sobre o que desejo; mas seja como mandardes, quanto mais que nós, para contarmos nossas desaventuras, não estamos aqui, senão para buscar algum modo de remediá-las.

V. — Ninguém perdeu em ser obediente. Mais depressa perdereis vós em que eu vo-lo seja, que por isso se disse: «serviço te farei com que renegues.»

C. — Escusai prólogos.

V. — Embora.

D. — Ouçamos.

V. — Se fora homem como sou dinheiro, eu crera de mim ser algum enjeitado; mas visto que não pode ser porque há premática de que ninguém nos enjeite, não saberei agora ao certo determinar-me em quem sou nem se é verdade que nasci em Olite ou Tafalha, que é a flor de Navarra, segundo se diz, ou em se sou navarro enxerto, como suspeito.

D. — Bem pareceis pobretão pois ainda não achastes quem vos infiasse a prosápia até Noé, quando menos.

C. — Cara é a nobreza por arte e, de avós que custam dinheiro, é perigosa a decendência.

V. — Cedo começais vós outros, como gente ociosa, a armar cambapé à minha narração; mas eu vos direi: há muitos dias que sou como o odre dos touros que, quanto eles mais trabalham e se esbravejam pelo derribar, ele mais depressa se levanta da terra.

D. — Quanto é por isso, melhores invenções se acharam na nossa idade; senão, perguntai-o em segredo a quem vos eu disser.

P. — Senhores, ouvimos ou despertamos? Que, se assim é, quero também meter minha praga em reste.

V. — Nem as do sol estão delas seguras. Mas, como vos dizia, ao colo entendo que me criou um cego, se não ao peito, trazendo-me, de contino, como relicário ao pescoço em ãa nómina que às vezes lhe servia de bolsinho porque, pela achar rija dos

fechos, vazava as relíquias a fim de guardar nela o cabedal. Em dias grandes, de jubileu, procissão ou romagem, me dava [EA95] abertas e publicadas e, desenfardelado, me passava a um prato donde lhe servia de endez.

D. — De index, quereis dizer, que sinala a cousa de que fazemos demonstração.

V. — Oh! Também vós sois de uns marmanjos que se prezam de pontuais no que não importa. Tendes-me jeito de explicar os enes inteiros quando praticardes e dizer confiança assoviando meia hora em cada ene como se, quando dizemos confiança à boca chea, não ficasse o coração mais leve e o conceito mais desabafado em tão espaçosa palavra; porque pronunciações afeminadas é bom falar para bonecas. Ûa cousa vos digo: que, sobre ser obra boa fazer cada um tudo o melhor que possa ser, tenho por indício de coração não grande afectar a perfeição das cousas pequenas. Antes suspeito que a natureza humana, que em toda a perfeição lógica sòmente se esmera em miudezas, de fraca ou enfasiada, falta de ordinário em obras de porte.

P. — Deixai-me tomar a vara de mordomo e governar esta procissão. Adiante c'os fogaréus.

V. — Quando o meu cego se achava entre gente de sua estofa, cada instante eu vinha à balha. Ûa vez, dizia que lhe fora dado de um conde, outra, de um arcebispo e, talvez, afirmava que de noite, pelo escuro, me achara às palpadelas, por milagre. Mais alarde fazia comigo que nem escudeiro de Famalicão com carta de primo desembargador.

C. — Certo vício em gente de ânimo curto: ostentar mais o que tem menos.

V. — Mas por aquilo disseram já que tanto brincou o demo com sua mãe até que lhe quebrou os focinhos. Digo-vo-lo, porque tanto me andou mostrando e assoalhando o pobre do meu pobre até que outro, que tinha mais claros olhos e mais sutis mãos, sutilmente me agarrou e da bolsa em que vivia me trespassou ao seio. Porém, eu, enfadado da trapaça, nem por ser tanto de seu seio me quis dar bem com ele, julgando não ser para amigo homem sem amizade. Sendo certo que os erros da amizade são como a aritmética [EA96] donde, para que a conta seja errada, tanto vale errar em um como em um cento. Quem não sabe ser amigo não é rezão que os tenha.

C. — Então que fizestes?

V. — Dei mão para me deixar passar pela de meu amo até parar na lama da rua, vida em que também achei minhas comodidades.

D. — Na lama e no chão conveniências? Raro dizer!

V. — Pois que cuidais? Os humores das criaturas são diversos. Levantai ãa toupeira sobre os ares e ei-la fenecida. Escondei ãa garça debaixo da terra, ei-la acabada. Com o mesmo com que ãa gente se deleita outra se marteriza. Eu, certo, tenho saudades de aquele lodo onde passava muito bem. Tinha boa cama, jazia descansado, ninguém entendia comigo, não andava, não lidava, não enganava e não era enganado. Oh! Como me ia bem!

P. — Pois quem vos desenquietou?

V. — O maldito pantufo de ãa beata, destas que crismam a conveniência já depois de grande e lhe chamam devação. Andam com os olhos baixos e lhes vale um poço de ouro, porque nada se perde que lhes escape. Eu conheci ãa destas que lhe importava o andar com o rosto mortificado a cento por cento, porque do que achava, pelo discurso do ano, se vestia e pagava as casas. Outra tal e quejanda foi a que me recolheu e creio que um lenço, de caminho, em cuja ponta me atou com duas contas de peixe-mulher, ãa verónica ferrugenta — não quisera mentir — e com um dente de finado que tudo tinha seu mistério e serventia. Logo dali foi correndo a folha a comadres, discípulas, afilhadas e devotas, mostrando a todas seu achádego. Às menos trincadas afirmava que um passarinho me levava no bico (e era de ver a devoção com que o pintava!), donde, como de propósito, viera a seu [EA97] poder. Logo por ali levantava tais enredos e tão bem fabricados que eu próprio estava em um és não és de lhe crer quanto de mim fingia. Já entre aquela gente ninguém me chamava senão um vintém dos milagres, chegando a tanto o negócio que, por dez tostões (que ela dizia de esmola) me encampou a ãa filha de um mercador, mimosa e rica, a quem a minha beata em puridade deu seus remoques de ser moeda, ainda que pequena, com vezos de mendrácua, vara de condão, carta de tocar em matéria de casamentos. A rapariga, que era douda pela madre (como em casa lhe chamavam), e por si mesma e pelo filho de ãa vezinha, começou comigo a fazer cousas como ãa douda.

D. — Tristes de nós, o que passamos disso? Que mal é não ter liberdade!

V. — Pois a isto chamais vós ser cativo, ser o dinheiro senhor do mundo todo? Se tendes as lágrimas tanto de vossa mão, chorai antes sobre aqueles que se deixam cativar de nós outros. Mas que não fará o amor? Fez que a simples da rapariga me serenasse tantas noites ao relento, depois de mui bem benzido (que maldito pudera ser melhor!) com mil superstições que a velha lhe ensinara (todas em trova porque tivessem mais virtude...); quando, no meio da devoção, o pai, que não era lerdo, deu após a filha, suspeito dos segredos da beata e, de repente, em um instante, assalta a baforinha

donde o primeiro diabo com que topou foi comigo, tão colérico que, indo-me a lançar (Deus nos salve!) pela janela fora, me teve respeito por ver em mim esta cruz de Deus com quem não devem de querer brigas os homens do seu trato. Todavia, por quebrar agouros, me mandou logo trocar por selada à Ribeira. A moça se desfazia em lágrimas com a mãe, entretanto, afirmando que o que mais sentia era perder-me em tempo que eu estava já meio feito, não lhe faltando senão setenta e duas noites de inverno para acabar a devoção, com [EA98] que eu ficaria ãa pessoa de muito preço por cujo meio toda a pessoa poderia saber quem lhe queria bem ou mal.

P. — Estranhastes na mão da regateira donde fostes parar?

V. — Não, porque é nossa gente aquela, com quem nos criamos e vivemos, sabendo-nos as manhas uns aos outros.

D. — Como vos recebeu?

V. — Lançou-me a garnel em ãa cisterna de lona que como bolsa ou cevadeira trazem ao lado, donde, de revolta com patações e escamas simples e bargantes, todos ali éramos à força escamados. Pois sucedeu-me ãa graça de que ainda agora me espanto e me rio juntamente. Já sabeis que poucas de aquelas mulheres têm de cristãs (ainda mal) mais que o nome. E, com isto assim ser, são a própria pontualidade em assaleriar um cego que lhe reze pelos mortos enquanto elas vão acabando com os vivos. Era o meu primeiro amo o cego de sua obrigação e seu fiel merceeiro, que a troco de trinta réis por mês (que não vale mais devoção tão suspeitosa) e trinta mil desvarios por hora, não lhe deixava testamento de Pilatos, despedida de corpo e alma e Imperatriz Porcina que entoados lhe não rezasse. Na paga havia certas dúvidas de ãa mesada. Finalmente, fui eu a pomba daquelas pazes, e tornámos todos a ficar como de antes: os fregueses, fregueses, e eu cativo.

C. — Conheceu-vos logo?

V. — Primeiro que eu a ele.

D. — Pelo tacto, como Polifemo às ovelhas...

V. — Assim devia de ser, porque, apenas me pôs a mão, quando me jurou pela pele.

P. — E como cumpriu o juramento?

V. — Melhor que lá dizem se cumprem os alvarás de lembrança. [EA99] Axorou-me, e eu já não fazia conta de tornar mais a ser gente. Mas é de saber que o meu cego era cego por outra cega que não cegara por ele, a quem chamava amiga, cousa que eu não podia sofrer, quando estava vendo que o arrastar, roubar, enganar, esfolar e lançar a

perder se dizia ser amizade. Deu o cego em liberal, que é do amor a mais certa façanha. Era eu sempre em suas galhofas o dianteiro, porque há gente que tem por estrela empecer à outra gente; e chegou o negócio a ser de modo que, em um próprio dia, por apetite da moça e gentileza do mancebo, eu me vi na feira, na ribeira, na tenda, na taverna, na botica, no açougue, em casa do pasteleiro e na confeitaria. Fui dado de esmola, servi de resto de contas, fui trocado, escambado, empregado, jogado, perdido, achado e tudo quanto a um de nós outros, quando perigrinamos pelo mundo, não pode acontecer em muitos anos. Vim, e tornei a várias partes com um curso velocíssimo. Mas, quando destas fadigas apenas descansava, eis aqui que entra a mãe da boa ou da má da cega, toda esbaforida, pedindo à pressa um vintém, para uma obra de misericórdia. Estranhámos-lhe o zelo, porque foi sempre mais justiceira que misericordiosa, quando nos disse que acabassem de lhe dar o que pedia, porque não importava menos o caso que a vida de um fidalgo honrado, que ficava para se enforcar por um vintém que lhe faltava na conta de um moio de trigo que lhe comprara o cruzado; e que, sem dúvida, se enforcaria se lhe tardasse, segundo o deixara resoluto. Então, a meu pesar, cheguei a ver aquilo que em vão tinha ouvido: que havia homens que se enforcavam por um vintém.

D. — Grande inferno terá essa velha, além dos mais, por desfazer ãa cousa tão bem feita.

P. — O peor de tudo é que se não enforcem todos esses que por um vintém se enforcam.

[EA100] C. — Que mais força lhe quereis que sua própria condição? Esses vivem em si como em Salé, sendo de suas mesmas vidas os algozes.

D. — Como a outro propósito disse discretamente o nosso Poeta: «ser cutelo da vida a mesma vida».

V. — Quanto se vai por trovas, mais a propósito falou a cantiga: «que isto não é vida para se sofrer».

P. — Detive-me então ali, em poder daquele padecente, pouco tempo, bem enfadado, por certo, por não ser homem de meu jeito. Mas quis Deus que fez brevemente contas com os criados, porque estes tais sempre dão em se prezar de grandes homens de conta, peso e medida. Enganam, levam e cizam. Quanto mais contas fazem, quantas mais partidas fenecem, tanto mais lhes importa a miséria que nos encampam por virtude. Fez enfim contas e coube eu em dote a ãa dona velha de casa, mulher industriosa e recolhida. Tomou comigo amizade, que é muito certa entre velhas

e dinheiro, porque todos os domingos e dias santos gastava a tarde em contar os ceitis que ajuntava em um mialheiro, dos jantares e ceas que vendia resgatados a preço do que lambiscava à ventura pelas reções alheas. E foi de sorte que, por seus conselhos (cousa de que estava bem longe!), dei na vida santolária, com que me achei melhor que com tudo. Furou-me ela aqui, na borda, com ãa agulha, como quem fura orelhas a cachorrinha; eis aqui tenho inda o sinal... E creio, certo, que era mulher de tanto governo que ajuntou para vender as furaduras. Eu furado, campei ao outro dia por vintém de São Luís, bom para o ar, para enxaqueca, quartãs, afito, mal de olhos, quebranto e mulheres de parto. Tão santas informações deu de minha habilidade que todo o dia andava de mão em mão como conta benta, sempre querido e estimado, ora ao pescoço de inocentes, ora nos pulsos das donzelas, atado com corda de viola, a quem servia de trasto para fazer consonâncias de saúde nos braços daquelas que me traziam. Não me lembro que passasse melhor vida em minha vida; donde, de meu vagar, observei que tal cousa é a virtude que, até fingida, honra e aproveita!

[EA101] Agora, daqui por diante, para o fim da história, a mi me custaria tanto trabalho contar-vo-la por miúdo como a vós ouvirdes; mas basta que saibais que, sem parar hora nem ponto, hoje me via colocado em bolsas abaciais de veludo, com mordança de aço (porque não há boca mais arriscada que a boca da bolsa...), amenhã me via cosido entre os remendos de um pedinte. Tal vez, passeava pelo contador do tratante como por minha casa, e tal me via encantado no nicho do tabuleiro do boticário. Mil vezes fui iguaria do artefício, mais de mil me vi em pratos de resgates, duas mil em bacias de almas, quatro mil em mialheiros. Eu fui o ministro dos trocos, o preço dos tragos, a retribuição dos presentes, e tal vez o porte dos escritos de amores. Em anos caros, um dia era ração outro salário, fazendo sempre de mim mais iguarias que de carneiro; porque agora era jantar, agora cea. Mais porfias tenho apartado em chegando, mais contas rematei em aparecendo, que de cabelos se me contam na barba. Para que é mais? Os Armazéns del Rei, sua Casa dos Contos, sua Alfândega, Sete Casas e a Casa da Índia, sei melhor que as minhas mãos. Tudo hei andado e cruzado, de tudo vi meus dous dedos; e até do bolsinho real (se apertarem comigo) me atrevo a dar rezão! Eu servi de encarecimento aos falidos, porque, em chegando a afirmar que não tinham vintém, lhes era mais certo valhacouto que cessão de bens. Servi de hipérbole aos mesquinhos, muitos anos, porque, em dizendo eles que não dariam vintém, estavam desobrigados de todo o cumprimento. Outras vezes, dava em servir a Deus e me metia de gorra c'os hipócritas, sucedendo que muitos sem devoção ou caridade me

esperdiçavam em um pobre, lançando-me nele como quem assoalha vestidos ao sol, para saberem que é bem trajado. Os nossos pobres portugueses, criados com par à moeda como sardinhas de Setúval, vendo-se na limpeza do vintém choviam de sorte que lançavam de antemão a perder o hipócrita e a hipocrisia.

D. — Indício parece de pouca caridade ou cabedal. Pois como? Não passam de vintém as grandes esmolas deste reino?

[EA102] C. — Antes, as ordinárias lhe chegam poucas vezes.

P. — A esmola não só requiere amor para se dar mas providência para se repartir; porque, dar tudo a um e a outro nada, fica sendo desordem.

C. — Com vossa licença, essa qualidade ou perfeição distributiva mais pertence à justiça que não à esmola, que é uma mera graça de quem a faz em ordem ao remédio de quem a recebe, mediante o amor de Deus e proveito do próximo. De sorte que, na minha opinião, a esmola não necessita de leis nem contas nem respeito, antes tenho para mim que seria mais conveniente quando aquele que dá a esmola determinasse de valer cada dia a um seu próximo (ou a muitos, se a muitos pudesse) com tal quantidade que lhe remisse a miséria e necessidade daquele dia e que esta tal esmola seria mais próspera que a repartida por muitos pobres, pois a nenhum deles supre a falta do preciso alimento.

V. — Com todas as gravidades de vossa disputa, não me pode esquecer ãa graça que ouvi a um pobre, indo ãa vez na algibeira de um meu amo pelo bairro alto. Chegou-se a pedir-lhe esmola humildemente e respondeu-lhe o escudeiro muito inchado: «Perdoai que eu não levo senão tostões». Lhe disse o pobre: «Esses me eram necessários». Desconfiou o miserável e não lhe deu cousa alguma, merecendo sua confiança prêmio quanto mais caridade.

Porém, donde estava todo o meu trabalho era aos sábados em casa do correio-mor, porque a mais remota carta do reino fazia eu logo em aparecendo vir à baila rebolindo. Grande confusão, por certo, para os escritores de cartas porque, a melhor escrita e a peor escrita, todas se dão por um preço.

D. — Prezai-vos ora lá de boa nota.

P. — Não vos ouça isso Marco Túlio, Plínio Júnior, Lúcio Aneu, Paulo Manúcio, Paulo Filipe, o Paranda e outro certo nosso amigo; mas que vo-lo [EA103] ouça embora o simplachão do abade Gabriele que tão sem causa celebram agora os italianos. Porque os epistolários têm por certo que, de todos os actos do entendimento, nenhum é tão expresso retrato d'alma como a carta de cada um, por ãa natural reverberação do

espírito que faz reflexo no papel de todos os affectos que no ânimo do homem estão guardados e só ali circumstantes; o que não é no livro, na prática nem no discurso, donde o artificio serve sempre de liga ao mais fino ouro do melhor entendimento.

V. — Falou bem o senhor Português. Mas, como vos dizia, os desenganos e exemplos que tenho tomado em minha vida são sem conto. Prouvera a Deus que valeram eles para nós como valem para outros!

D. — O mal é que esses tais documentos sempre ficam com quem deles menos necessita.

V. — Eu vi pai deixar estalar filho a troco de me não trocar, e filho que, por me não pôr em risco, deixou que a vida do pai se arriscasse.

D. — Par Deus! por essa família bem se pudera dizer o que o romano pela casa de Herodes: «melhor é ser aí porco que herdeiro». Melhor é aí ser vintém que pai ou filho.

V. — Que mais? Vi desmanchar compras e vendas de grande interesse pela diferença de meu valor. Porque a moeda é figura e cifra à vontade de quem a tem que, segundo sua estimação, lhe dá o preço. Vi matarem-se homens por meu amor, arrisquem-se — e não sei se perderem-se — honras e consciências por meu respeito. Tão baixo preço põe a avareza aos homens que suas mais ricas partes vendem por bem pouco dinheiro. Eu conheci dous pares de testemunhas e de testemunhos que não custaram um ceutil mais daquilo que eu valho. Quantas honestidades se perderam por esta taxa! Quantas devassidões por ela se continuaram! Quantos negócios foram transtornados por outro tal preço! Bastara que por mim se desfizesse um casamento de muitos mil cruzados que a ambas as partes estava muito bem. E o que mais raiva me fazia era logo a sentença com que um destes malditos saía de revés, provando que estava averiguado que quem não estima um [EA104] vintém não estimará um tesouro, o que outro tal como ele corroborava ao instante com falsos contos de Dario, Alexandre e Júlio César.

Ora dissei-me — parece-vos que será grande delito não estimarmos nós os homens, que tão pouco se estimam? Se aquelas cousas em cujo troco eles se deram foram de outra alteza ou raridade, bem pudéramos enganar-nos; mas sendo nós próprios o valor de suas honras, vida e alma, e sabendo (como ladrões de casa) o pouco que valem para ser preço de cousas de tanta valia, digo e torno a dizer que bem mal fará o dinheiro que destes tais fizer algum caso.

P. — Furioso estais, Deus nos livre!

V. — O furor que ministra as armas também ministrará as razões, se é certo o que dizem que diz o filósofo, que a opressão dá entendimento.

C. — Antes, a cólera é inimiga da eloquência quanto Marte de Saturno — um o mesmo fogo, outro a própria neve.

D. — Acabai, se vos falta.

V. — Sim, falta, e sim, desejo de acabar o que ia dizendo, lembrado daquela grande cortesia de Henrique IV, rei de França.

C. — Como foi?

V. — Falava-lhe com mui larga arenga um seu Monsieur. El rei, cansado, o tomou pelo braço e o levou a ãa galeria que lavrava no Louvre. Depois de o ter ali lhe disse: «Que vos parece esta peça que vou fazendo agora?» Respondeu-lhe o franchinote: «Sire, será cousa singular depois de acabada». Tornou el rei: «Pois, Monsieur, assim será a vossa prática, se vós lhe puserdes fim». Pelo que, senhores meus, eu quero satisfazer a el rei de França e dar cabo a meu conto.

P. — Ele não enfada mas rematai, se quiserdes. Passaremos ao que mais nos importa.

V. — Cansou-se a fortuna de mim, ou eu dela, porque um coração é [EA105] espelho de outro. E, porque em ãa própria mão nos vimos os jogos de parte a parte, pedi-lhe tréguas e concedeu-me pazes, lançando-me no mealheiro deste tacanho que a vós e a mim e a tantos tem encarcerados.

P. — Não se nos vá hoje o tempo em porfias inúteis, que parece quer já amanhecer, e ficará frustrado nosso trabalho se, havendo-nos aventurado ao perigo em que estamos, não tirarmos desta conversação alguma conveniência; porque, as que só vem a parar em gastar tempo, merecem lançadas do mundo com sambenito, como Circes encantadoras.

D. — Pois que mistérios tão misteriosos são esses que tendes prevenidos, para que requereis nosso silêncio, conselho ou aplauso?

P. — Dias há que desejo de deixar o mundo.

C. — Boa cautela, se temeis que ele vos deixe.

P. — Não; dessas sangrias em saúde me rio eu muito, havendo visto que os mais que se desenganam de antemão, lhe vem depois a rogar à porta pedindo-lhe que os receba. Mas o bom do mundo é às vezes tão cortesão que zomba deles altamente.

D. — E ficam como nós dizemos, por graça, da alma de Garibai, que a não quis Deus nem o diabo.

P. — Ora, à vista de tantas tragédias em que cada dia nos vemos, parece que fora acertado buscar meio para que toda nossa geração se extinguísse do mundo.

C. — Quanto é esse meio, já parece que se tem achado, porque já não aparecemos.

P. — Eis aí o maior engano. Sempre se choram os homens e sempre gastam; sempre entesouram e sempre desesperam. Quanto mais acertado fora amanhecemos todos sesudos e dar-nos quitação uns aos outros; que, a troco de viver a gente sem dinheiro e o dinheiro sem gente, bem nos poderiam apartar os vigários, para que cada um fizesse de si o que lhe melhor estivesse.

C. — Quão sabores andarão uns e outros! O dinheiro é como [EA106] fruta: só para comer-se serve. Muito enfadonha seria ãa pereira do conde cheia de pomos belos, cheirosos e doces, em vão maduros e logo podres, inútilmente. Diverso é o meu parecer nessa parte, de sorte que jamais, para tal remédio, darei meu favor e ajuda.

P. — Bem pareces que começas teu mundo e que és moeda nova a quem ainda não justicou a cobiça da gente como a nós outros.

C. — Tudo são opiniões.

P. — Dai-me contudo, senhores, vosso parecer, e diga cada qual embora o que sentir. Porque, este estar sofrendo as demasias dos homens amando-nos uns mais do que é razão e outros menos, com que todos indiferentemente nos perseguem, é cousa insofrível. Desde que tenho uso de razão, discurso sobre este ponto; e, quando me persuado que lhe descubro o remédio, então me parece mais cego ou duvidoso — sendo sem falta, para mim, este ponto o ponto fixo dos matemáticos e filósofos que, quanto mais fixo se lhes oferece, então se mostra mais errante e equívoco do que nunca. Já entendi que seria a prepósito fugirmos do mundo e deixá-los a eles com ele e sem nós, que não poderia haver igual vingança! Outras vezes, que pedíssemos ao céu o remédio. Porém, neste enleo, nada de todo me satisfaz. Pelo que, amigos e senhores, pois o dano é comum, e a todos nós outros traz inficcionada a quietação e o gosto, este interesse humano que jamais descansa em nossa injúria, todos devemos trabalhar por desviá-lo e vencê-lo, tanto mais confiadamente quanto, de sua própria parte, nos ajudam as grandes dificuldades e inconvenientes que sempre traz consigo a cobiça dos homens. Este é meu cuidado, minha ânsia e meu desejo. Se eu isto vira remediado em meus dias, certo que tornara a remoçar e luzir como quando era mancebo.

[EA107] V. — Dificultosa é a briga que quereis apartar, senhor meu: meter o bastão entre o homem e o ouro. Não espero lhe importe crédito ou proveito a quem o executar.

Diz que, lá não sei donde, se juntaram as lebres a conselho, e por todas foi assentado que se fossem lançar em ãa alagoa e se afogassem, sem ficar mais geração de tão triste gente perseguida de todo o mundo, que toma seu perigo por divertimento. Ora, indo já todas correndo, fizeram tão grande matinada que as ouviram as rãs que estavam junto do charco. E, como tivessem grande medo do arruído, foram-se lançando n'água, ganhando-lhe a dianteira do precipício. Notou isto ãa das lebres, que ia diante, e parou fazendo deter as outras, a quem disse: «Senhoras, tende mão! Não nos lancemos a perder por miseráveis, pois vemos que ainda o são mais estas rãs, que têm medo de nós e a nosso respeito se precipitam».

Donde digo que não há estado tão triste no mundo, que não haja outro mais triste com que aquele possa consolar-se. Escapam os homens que padecem mil trabalhos, sem dinheiro vivem e se mantêm, e o dinheiro se quer lançar no mar pelos seus doulos deles? Isso não farei eu enquanto tiver lume nos olhos. Lancem-se eles, muito em hora má, já que de cobiçosos ou perdidos se não querem emendar.

P. — Guardai vosso parecer para quando vo-lo pedirem e, então, declarai vossa tenção, por não subornar o consistório.

V. — Esse perigo nunca lhe vem dos pequenos; que, por isso, disse lá o desembargador de Roma a Tibério, seu pedagogo: «Em que lugar queres votar, ó César? Se primeiro, quem se desviará do teu caminho, ainda que errado? E, se último, quem será tão constante que sustente a opinião que tu reprovares, posto que boa seja?»

Donde digo, meus compadres, que a opinião do humilde jamais levou balança ao chão nem bóia ao fundo.

[EA108] P. — Diga agora o senhor Dobrão seu parecer, e acabaremos ouvindo ao nosso Cruzado.

V. — Bem me parece.

C. — Estou pela sentença.

D. — Obedeço-vos. Se já houve alguém que sentisse não eram os delitos menos graves a quem os comete que ao próprio ofendido deles, eu sou da mesma opinião, porque, deste trabalho em que vejo andar o mundo a nosso respeito, levo eu igual parte como o mais atrabalhado. Por esta causa, não pareça a ninguém hipocresia cansar-me pelo remédio alheio, porque não é senão pura conveniência aliviar minha fadiga própria.

Larga companhia fiz com os homens por todo o discurso de meus dias. Donde vim a entender com quanta verdade disse lá aquele grande discreto João da Veiga a seu filho: «Haveis de saber, hijo mio, que las más de las pendencias del mundo son sobre

dineros». E, como o dinheiro é fonte perenal das desavenças das gentes, sou persuadido que só poderão remediar-se dando-se-lhe, a essa corrente, alguma outra serventia: sangrá-la e consumi-la, para que os homens não bebesses as peçonhentas águas da discórdia, de que a todos lhes cabe seu amargoso trago. A peste grande do universo somos nós outros. Quase c'ò mundo começámos, sem falta com ele acabaremos. Que mortes, que roubos, que delitos, que incêndios não temos ocasionado! Das injustiças, que direi? Não basta que o dinheiro contrapese a mesma virtude? Não basta que a vença? A verdade, à nossa ilharga, muda as cores, assi como provavam os de Tiro ãa púrpura junto de outra para conhecer a mais subida. Aquelas estátuas de bronze que arvorou a gentilidade, sombras foram destoutra nossa idolatria. Agora, cada moeda é um deus, mais ou menos venerado, segundo o primor ou quantidade do metal de que é feito. Aquela divindade que demandou no céu o anjo soberbo, outra vez parece que se vê, do dinheiro, na terra competida; e a que lá chegou a temer o espírito, ousou aqui a matéria. Senão, vede os bezeros de ouro no deserto, de tal modo acreditados que os próprios israelitas, que no Egipto resistiram [EA109] à seita dos ídolos, aqui se renderam à lei deste metal. Ele, quanto mais reluzente, não é outra cousa que ãa sombra escurecedora das virtudes, ferrugem das boas partes: todas enegrece, todas eclipsa, querendo ser só a fermosura, a delícia do mundo.

Eu sei bem disto; como de casa me estou rindo da ânsia com que da gente somos solicitados. Ver as condições que nos levantam, é para ver! E nós tão ociosos que, se não é para um só ofício, não aparecemos! Nem zombando deixa o ouro de ser martírio dos viventes: como grilhão ao pescoço, se é cadea; como algema na mão, se é bracelete, como garrote na garganta, se é gargantilha, como tormento na cabeça, se é apertador. O mimo das donzelas trazemos enganado, porque a ninguém perdoamos. Õas fabricam de ouro espadas, com que estoquear os toucados; outras, pendentos com que arrepelar as orelhas. E, quando mais leves lhe saímos, ou samos pensamentos ou memórias ou laçadas, para que, de todas as maneiras, lhe seja o ouro custoso.

Certo, eu nunca me vi, nem a nenhum de nós outros, que não estivesse considerando a doudice da gente, vendo que ela própria, por sua vontade, se sujeitasse a tão pesado jugo e tirania como esterilizar-se de tudo o que Deus lhe fez próprio e criou para o uso do humano, dando sòmente faculdade ao dinheiro para dispensar e repartir os mesmos bens que o céu derramou sobre todos. Que não se pudessem os homens isentar de aquelas necessidades com que os criou a natureza, bem está; mas que, por cima destas, lançassem eles outras maiores, introduzindo por si mesmo o valor da moeda,

sem a qual nada lhes é possível, foi cousa insana e cegueira tal que, por castigo dela, deixou Deus que muito tempo lhe durasse. A tanto chega por suas mãos a jurisdição de seu senhorio que ei-lo está já o dinheiro outro como céu, outra como terra. Ele faz o vil nobre, o feo belo; ele desfaz o aleijão e a desformidade. [EA110] Passaram a tal desvario os homens do mundo, que fizeram nova balança donde pesar o valor dos membros humanos. Feito o interesse contraste, achou em sua consciência quanto valia o braço, a mão, o dedo, quanto os olhos, as pernas e os pés dos míseros humanos, de cuja perda, oferecendo infame sacrifício à maldita mamona, se dão por restauradores do perdido com valor de pouca prata e menos ouro. Passa adiante o desaforo e quer comprar os dotes do espírito; antes aqui é a maior violência, porque, de contínuo, prefere o rico ao sábio, o poderoso ao prudente, senão que, em peor modo, também quer que sempre seja sábio o rico, sempre prudente o poderoso — o que Deus quis poucas vezes. Estende-se a mudar vontades e transtornar condições. Por isso, recebe por marido ao endinheirado a outra que nem para servo sem dinheiro o receberia. Por isso se humilha a altiveza do que se vê com o ouro obrigado, dando novas cores à sua condição. Porque ele, enfim, como metal pesadíssimo, sobre nenhuns ombros se acomoda que os não lance por terra. Ninguém, logo, se meta debaixo de seu jugo se não quer ser prostrado brevemente. Chega tão alto que, por ser Quatrino a moeda mais comua de Roma, disse já um crítico com atrevida agudeza que Deus em toda a parte era *trino* mas em Roma *quatrino*. Ora sendo nós estes, sendo tal nosso officio e qualidade, que dinheiro cristão haverá no mundo que não procure sair dele? Eu, pelo menos, de minha parte digo que, cansado das tragédias passadas e temeroso das que me podem estar esperando, de muito boa vontade me irei lançar no mar, sem fazer escrúpulo, havendo companheiros, antes que por mim se lancem outros tantos, como estou vendo e ajudando a lançar cada dia.

V. — Se tu não entenderas a causa dessas revoltas, bem me estava que, como aqueloutro filósofo salvagem, deras contigo no pego por [EA111] não saber averiguar as sete correntes, cada dia, do mar Euripo. Mas ouve, ora:

Certo juiz lá da minha terra, sendo-lhe trazido um preso por caso atroz, o condenou em que pagasse ãa pataca. Instava o meirinho que era escandelosa a culpa e merecia grave condenação ao que, muito freimático, lhe respondia o da vintena: «Levai-o, alcaide, que não tenho agora paixão que valha mais de trezentos e vinte réis».

Vós, senhor, estais tão irado contra nós todos que quereis fazer essa fineza pelos homens. Eles vo-la merecem, porque por vós, e por outros como vós, muitos se

lançaram já a longe e tomaram a morte por suas mãos. Porém, eu que lhes não estou tão obrigado, em vez de me ir lançar no mar (como requereis) me tornarei a deitar no meu saco e guardar-me na própria gaveta em que até aqui estava, fazendo uma vida poltrona mas quieta.

P. — Todos, finalmente, viremos a fazer o mesmo. Mas ouviremos primeiro o nosso Cruzado, que eu fio dele lhe não falem boas razões para provar o pensamento que seguís.

C. — Grave é o negócio para repente, mas já houve alguém que disse queria antes errar depressa que acertar devagar.

P. — Esse é manifesto engano porque ninguém é obrigado a obras diligentes e todos o são a obras boas. Mas muito certo é que cada um ponha outro nome à sua vontade.

C. — Verdadeiramente, quem executa suas acções com prontidão, grande desculpa tem quando não as acerte. Demais que também a arquitectura das obras boas pede presteza e conveniência, visto que a tempos o ferro mata e a tempos é provadíssimo remédio da vida.

P. — Ora sus! Ou depressa ou devagar, dizei já vosso parecer.

[EA112] C. — Parece-me, amigos, que a nós outros os dinheiros do mundo nos sucede o mesmo que ao ferro, chumbo, bronze e aço que, verdadeiramente, Deus deixou para conveniência: o ferro duro, com que lavrar a terra, o chumbo, menos rebelde, para as cousas que pediam mais brandura, o cobre para os instrumentos do cómodo, o aço para os da fortaleza. E, desta sorte, e para este fim, enriqueceu de metais a terra que preparava para pousada do povo humano, a quem não queria faltasse algum género de comodidade. Mas ele, rudo, soberbo, teimoso, parvo e avarento, eis que do ferro foi fazer espadas e cutelos, do chumbo balas, do cobre peças, do aço pontes, de que nenhũa vida possa estar segura, a modo de boi de arame daquele Fálaris e daquele Perilo, cujo artefício castigou primeiro o seu inventor próprio. Da mesma maneira, na prata e ouro parece que quiseram baldar os homens a providência divina; porque a estas famosas massas, dedicadas ao esplendor, conveniência e adorno do mundo, de tal sorte foi por eles trocado seu uso lícito que de sua abundância fizeram tirania e de sua falta infâmia. Em sua comutação, enxiriram falsidade, em sua guarda, risco, em seu dispêndio, cautela. Da qual baralha procede que todos andem nela metidos como insanos, uns trabalhando para adquirir-nos para nos desperdiçar, outros, havendo-nos adquirido,

enterrando-nos para que ninguém nos goze. Infinitos nos roubam a aqueles que nos guardam, para caírem depois no próprio engano e castigo, sendo-lhes nós levados a eles.

Pelo que haveis de saber, amigos, que, deste mau uso em fora, eu sinto em mi que nós samos a melhor invenção do mundo. Falai-me no que val e no que descansa estar um cidadão na sua cama dormindo regalado, seguro e quieto, em noute tempestuosa de Dezembro e, a troco de ãa pequena migalha de prata e ouro, estar o miserável pescador lutando com a morte duas marés inteiras, para lhe trazer de madrugada o guloso [EA113] vesugo ou o pintado salmonete que lhe vem como pintado para jantar à sexta-feira! Dizei-me que cousa há no mundo como ter um senhor muitos criados que, por breve porção de dinheiro, o sirvam e lhe adivinhem os pensamentos e, o que é mais, lhe sofram impertinências e sem-rezões, e possa aquele curto interesse fazer maiores e menores aqueles homens a quem Deus e a natureza fez iguais? Que o mercador assista no seu porto, mole de mimoso, podre de rico, quando por seu dinheiro andem cem homens (às vezes melhores que ele e, quando menos, tais como ele...) dobrando cabos não conhecidos, forcejando com ondas e com ares, para lhe adquirir novos tesouros? E, finalmente, que o príncipe não saiba mais que medir com vagaroso passeio a breve distância, que há do trono ao leito, do leito à mesa, da mesa ao coche, do coche ao Paço, quando inumeráveis gentes (as mais de quem nunca foi ouvido ou visto!), pelo preço de ãa pobre paga e de um socorro incerto, se exponham ao trabalho, se arrisquem à morte e se aventurem ao inferno?

Ora passai avante com o discurso e fazei conta que não há no mundo dinheiro; antes, por acordar sesudo, como dizem os que o desejam doudo, se extingue entre os humanos esse costume. Considerai agora qual seria a confusão da gente! Como se conservaria a nobreza dos nobres, a justiça dos justos, a fortaleza dos fortes, a humildade dos humildes? Como serviriam os pobres? Como comeriam os famintos? Que tal havia de ser, enfim, o trato dos mortais? Que roubos, que mortes, que insultos a cada passo sucederiam, querendo o mais potente ser o melhor, o mais furioso o mais acomodado? Como se remediaria a esterilidade das províncias? Como se aproveitariam de sua abundância? Porque, sem interesse, quem passaria trabalhos? E, sem trabalho, como se venceriam as deficuldades de que o mundo é composto? Quem havia de ser aquele que fizesse respeitar a majestade, venerar a grandeza, sustentar a razão, apetecer a honra, sendo certo que prémios e castigos são mais verdadeiros pólos do mundo visível que o Ártico e o Antártico? Os tratos e comércios da [EA114] gente, que são nervos da República, que fim haviam de ter? Oh, que depressa afroxariam em seu

movimento! Pois se todo o bem se faz em virtude do dinheiro, se todo o mal por seu meio pode evitar-se, que lhe quereis proibir aos homens o melhor instrumento que descobriu a indústria humana, em cuja estimação, como necessidade, convém bárbaros e políticos, quasi como natural remédio e ensino delas? Só desta lei se isentam as alimárias ou aquelas gentes que de sua rudeza mal diferem, por lhe não ser concedido o entendimento, dote de anjos e homens, como mais ilustres criaturas do céu e da terra.

Nós bem vemos que os Cafres usam do seu zimbo (pouco vai em que o nome e a matéria sejam diversos), os Etíopes do seu libongo; até os maranhões remotos de seu algodão batem moeda. Quais Índios a fazem de pano tecido, quais do ferro e do cobre ou da missanga — porque não consiste o valor do dinheiro em que ele seja de qualidade realmente intrínseca, que essa também não alcança a prata e o ouro, pois por bem fino da estimação é bem avaliado. Mas basta que ela lhe esteja constituída por universal beneplácito daqueles que o usam, para que sobre esse género, ainda que inábil, se funde o trato útil da comutação recíproca, fiel e descansada, que sòmente requiere igualdade, sem a qual nenhum homem pode viver com outro, depois que a multidão dos viventes se descartou, como impossível, do primeiro uso da comunidade dos bens, que só pôde observar-se quando entre a gente do mundo não concorriam tão diversas vontades e apetites, que são condições inseparáveis do homem, os quais pode e deve moderar, quando injustos; mas nem justos ou injustos pode extinguir em si mesmo. Porque, como ao princípio eram poucas as almas, eram também poucas as vontades e afeitos de que se adornam — contra o que pareceu aos platónicos que afirmaram com erro o número certo dos espíritos. Creceu com esse número o perigo da gente, e sobre a diversidade se estendeu logo o apetite, que o dinheiro, em vez de fomentar, modera, ou pelo menos não acrescenta [EA115] mais que diminue. Porque, como ele seja paga de tudo, aquele a quem falta é força modificar seus desejos, que, doutra sorte, cresceram fomentados da abundância de nossas paixões de que nenhum ânimo é pobre, até satisfazer-se à custa de muitos inconvenientes. Porque, se bem é verdade que o rico logo crece em pensamentos, também é sem dúvida que o pobre logo deles se abate. E, como no mundo é tão menor a cópia dos prósperos que a dos míseros, muitos mais são aqueles a quem a falta do dinheiro faz comedidos que não insolentes a sua cópia.

Serve o dinheiro na república do que na música o compasso: este regula os tempos, vozes e cantidades para que, soando uns mais e outros menos, mais apressados e vagarosos guardem entre si todos perfeita consonância. Da mesma sorte, o dinheiro taxa e reparte o movimento ao trato humano porque, dispondo como os poderosos soem

mais e mais depressa e sejam melhor ouvidos e sumindo as vozes aos pequenos, guarda o mundo aquela ordem de que resulta sua perfeita harmonia. Donde já disseram os sábios que na variedade consistia a fermosura da natureza. Pelo que eu sou de parecer que o erro que hoje se padece nas disformidades de que somos caluniados, não consiste na desigualdade com que a sorte nos repartiu senão no errado uso com que de nossa presença ou ausência se servem aqueles que nos possuem ou aqueles que nos desejam. Porque, se os ricos gastassem e os pobres merecessem, brevemente viriam todos a conseguir sobre o cómodo a igualdade. Mas que quereis vós que seja, se uns não fazem senão guardar ou desperdiçar e se outros não fazem senão envejar e desmerecer? Mal se tirará água de um profundo poço se os alcatruzes da nora se não comunicarem uns aos outros. Porque, se o cheio não lançar água no vazio e aquele, depois de cheio, a não despejar no outro, que está vazio ainda, como ele há pouco que estava, a água jamais poderá chegar arriba. Porém nestas malditas noras (ou sogras...) que hoje se costumam no mundo, cada hora se [EA116] nos amuam e anteparam os alcatruzes, sem que um queira ser bom a outro, querendo antes desperdiçar o seu cabedal que valer com ele a seu vezinho. Aquele que tem água lá a bebe, lá a come consigo mesmo, e o coitado que a não tem nem quem lha lance dá quarenta mil voltas e no cabo fica vazio. Com que a horta é a que perde, como se vê na hortaliça tão seca e tão desmedrada que hoje temos.

Tudo isto vem de que não acabem de entender os homens que do dinheiro se deve usar como meio e não como fim. É o dinheiro o meio universal de todas as cousas temporais porque por ele todas se alcançam e facilitam. Mas, sendo tão bom por ser meio, é muito mau para ser fim. Porque, quem só como fim o pessue, esse, sim, terá dinheiro mas nada tem por ele; e tanto lhe importará ãa caixa de ouro como de area, se desse dinheiro não usa nem dispõe. Donde me afirmo, amigos, que, se entre nós há modo para fazer que os homens nos tratem como ponte e não como estalagem, bom conselho tomamos em nos aconselhar o que faremos, buscando modos para o conseguir o nosso e seu remédio. Mas, pois não temos essa faculdade, fique-se cada qual em seu engano ou desengano e demos nós graças a Deus, porque nos deixou a menor parte do perigo.

D. — Falou bem o Cruzado.

V. — Para fidalgo mancebo, não o tem hoje feito mal.

C. — Ainda me sobejaram rezões para vo-lo agradecer.

V. — Oh! Por Deus, não no-las digais, que não há maior sandice que levar tudo ao cabo!

P. — Ora fiquem os cumprimentos em custódia até a primeira audiência, [EA117] para que no-los deis todos juntos, quando vos gabarmos a relação da vossa vida e costumes, que esperamos ouvir-vos a vós e ao senhor vosso companheiro.

D. — E quando será isso?

P. — Será a primeira noite que nos acharmos ociosos, que esta não vai mal lograda.

V. — Fique embora, e, por agora, ponde estanque sobre a conversação, porque se me afigura que ouço já tinir as chaves do nosso carcereiro que vem correndo o ferro, como há em uso.

D. — Vir-nos-à a contar esta madrugada, que assim o costuma sempre.

P. — Pouco lhe importa, se do contado come o lobo; senão, diga-o a chave falsa do sobrinho.

V. — E a gazua do criado.

C. — Não contaís o embuste do amigo?

P. — Pobres de nós, quantos contrários temos!

V. — Isso é falso, porque não são menos os amantes.

P. — Donde nos iremos entretanto?

V. — A Génova, porque o turco anda em Veneza.

D. — Lá nos levam por força, com que vos escusam o ir de grado...

P. — Sou velho e ali faço conta de dar a ossada.

V. — É o vale de Josafat do dinheiro. Todos lá havemos de ir acabar.

C. — Tomai meu conselho e fiquemo-nos mudos ao pé desta gaveta até ver o que o mundo faz de si.

D. — Ou o que nós fazemos dele!...